



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

Vom Kriege: Guerra e Política

Reflexão acerca da obra de Carl von Clausewitz

Laura Lisboa (Nr. 100517011)

Professor Miguel Monjardino e Professor Bruno Cardoso Reis

Leadership and Strategic Challenges

Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais

Universidade Católica Portuguesa

Lisboa, Abril de 2018

Carl von Clausewitz nasceu no Reino da Prússia poucos anos antes da Revolução Francesa e, ao longo da sua vida, serviu junto do exército Prussiano e Russo durante o período das Guerras Revolucionárias Francesas e Napoleónicas. O seu juízo arguto aliado à experiência histórica e militar permitiu-lhe pensar as condições e a natureza da guerra numa perspetiva inovadora que o destaca dos seus contemporâneos. Publicado a título póstumo em 1832, *Vom Kriege*, tornou Clausewitz num autor vastamente citado e permanece uma das obras mais respeitadas na área da estratégia militar e teoria da guerra¹.

O presente ensaio procura contextualizar e compreender as principais linhas de pensamento da teoria Clausewitziana com enfoque na relação entre guerra e política, tendo como base as três abordagens do fenómeno da guerra que apresenta no Livro I. Em primeiro lugar, procurar-se-á sucintamente entender a transformação do paradigma de guerra na Europa em finais do século XVIII e o impacto dessas alterações no pensamento de Clausewitz. Em seguida, explorar como são apresentadas as características e a natureza da guerra: em particular, de que forma o autor perceciona a guerra como um instrumento e uma continuação da política com outros meios e enquanto fenómeno dinâmico e não-linear. Por fim, fazer uma síntese das principais considerações que podem, ainda hoje, auxiliar aqueles que lidam com fenómeno da guerra na linha da frente.

Uma nova forma de pensar a guerra

Em contraste com os conflitos armados que antecederam a Revolução Francesa, esta inaugurou uma nova forma de guerra cuja expressão se manifestou ao mais alto nível no desempenho de Napoleão Bonaparte durante as Guerras Napoleónicas². Esta transformação permitiu pensar o fenómeno da guerra sob um novo ângulo³ e levou Clausewitz a incluir na teoria geral da estratégia um esboço acerca da organização da guerra popular, enquanto forma eficaz de defesa dispersa e inesperada⁴, e a introduzir o conceito de “guerra absoluta”. Esta conceção de guerra, travada com a máxima intensidade e violência, corresponde ao extremo de um espetro que permite pensar em que medida as formas de “guerra real” se afastam mais ou

¹ Note-se que o que pode representar uma vantagem acarreta, contudo, alguns perigos já que, como alerta Raymond Aron, “as citações, separadas do contexto, correm o risco de adquirir um sentido exatamente oposto” ao desejado e raros são os que procuram o sentido exato das suas formulações – “Quantos leram *Da Guerra*, entre aqueles que o citam?”

Raymond Aron, *Clausewitz*, p.41 e p.54

² 1803-1815; Ainda que do lado oposto do campo de batalha, Clausewitz reconhece a destreza beligerante de Napoleão e chega a apelidá-lo de “Deus da Guerra” (Clausewitz, *On War*, p.583)

³ Clausewitz, *On War*, p. 583;

A compreensão da obra e todas as citações apresentadas têm como base a tradução inglesa de *Vom Kriege (On War)* e, por isso, as citações que se encontram nas notas de fim de página permanecem em inglês; nas citações e referências presentes no corpo do texto, a tradução ficou a cargo da autora do ensaio. Por vezes consultou-se o texto original para auxiliar a tradução.

⁴ Raymond Aron, *Clausewitz*, p.46

À ideia de uma tropa popular, surge associado o conceito alemão *Landsturm* que se refere a elementos com fraca instrução militar e a civis armados que tentavam travar a todo o custo as invasões napoleónicas como é exemplo o caso espanhol durante a Guerra Peninsular.

menos da sua forma absoluta⁵. A ideia de “guerra absoluta” corresponde a uma abstração, já que o uso da força tende a ser limitado e existe uma resistência, uma *fricção* inevitável que impede a realidade de alcançar o abstrato absoluto⁶. Assim, importa avaliar se os meios de que se dispõe são adequados e suficientes e os níveis de ambição realistas, e não contraproducentes face aos fins que se visa atingir.

De acordo com a abordagem da guerra enquanto continuação da política com outros meios, Clausewitz estabelece a diferença entre tática e estratégia: a primeira corresponde ao uso de forças militares para ganhar batalhas, enquanto a última, ao uso e coordenação das batalhas para cumprir os objetivos da guerra⁷. Ou seja, corresponde à capacidade de dispor de meios militares com vista a atingir fins políticos.

À luz da distinção acima estabelecida, podemos considerar Napoleão Bonaparte brilhante a nível operacional e tático, mas não a nível da estratégia. Se por um lado se destacou pelo planeamento e exímia execução de campanhas, por outro revelou limitações a nível de escolher quando e que batalhas travar. Ainda que tivesse fins políticos, como unir a Europa sob o seu domínio, estes nem sempre foram claros e atingíveis – a conceção de uma estratégia implica assegurar o balanço entre o nível de ambição dos fins e os meios disponíveis, já que estes nunca são ilimitados e estão sujeitos a contingências.

Na análise da campanha Russa de Napoleão em 1812, Clausewitz argumenta que resultado desta revela terem existido erros no cálculo da reação do governo e população inimiga⁸ e nas condições em que conduziu a campanha⁹.

Esta abordagem suscita uma questão: se por um lado, “a força que deve ser exercida contra o inimigo depende das exigências políticas de cada lado” e “estas exigências, quando conhecidas, determinam os esforços a empreender”¹⁰; por outro, Clausewitz argumenta que a guerra real apresenta limitações face à teoria. Estas limitações introduzem incerteza que dificulta a tarefa de calcular os meios necessários e os objetivos a definir, pelo que uma solução estritamente lógica se torna inexecutável¹¹. Assim, em que medida podemos considerar que a guerra constitui uma atividade estritamente orientada segundo princípios políticos racionais?

⁵ Clausewitz, *On War*, p.501

⁶ Peter Paret, “The Genesis of *On War*”, *On War*, p.21

⁷ Clausewitz, *On War*, p.128

⁸ “We maintain that the 1812 campaign failed because the Russian government kept its nerve and the people remained loyal and steadfast.”

Clausewitz, *On War*, p. 628

⁹ Ainda que o seu objetivo justificasse a profundidade com que invadiu a Rússia, o seu erro reside na época tardia na qual abriu campanha, nos sacrifícios humanos a que a sua tática conduziu, na atenção insuficiente que prestou ao abastecimento do exército e à sua linha de retirada, assim como a partida tardia de Moscovo - como aliás lembra Leo Tolstói, no seu romance Guerra e Paz

Clausewitz, *On War*, p. 628

¹⁰ Clausewitz, *On War*, p.585

¹¹ Clausewitz, *On War*, p.585

Abordagens da Natureza da Guerra

Numa primeira abordagem, Clausewitz define guerra como um duelo¹² em larga escala, “um ato de força para obrigar o inimigo a fazer a nossa vontade.”¹³, inimigo este que terá uma intenção semelhante. Assim, compreende a guerra como um fenómeno complexo, multilateral e interativo, que corresponde ao choque de duas forças ativas. Esta não se constitui na soma de um conjunto de ações, mas sim num sistema dinâmico não-linear que se caracteriza não só pela existência de *feedback* entre as partes, mas também por um conjunto de contingências que determinam que a guerra seja inseparável do seu contexto¹⁴.

Este contexto é essencialmente político já que a guerra surge sempre de uma situação política e é, conseqüentemente, um ato político¹⁵. Assim, Clausewitz vai mais longe e propõe uma segunda abordagem da guerra “como um verdadeiro instrumento político, uma continuação das relações políticas com a adição de outros meios.”¹⁶. Em primeiro lugar, importa compreender em que medida a guerra é um instrumento e uma continuação das relações políticas e, em seguida, a razão para o uso deliberado da expressão “com a adição de outros meios”¹⁷.

Subordinação e Continuação

De acordo com esta perspetiva, a guerra pode ser entendida como um “elemento subordinado, enquanto instrumento de política sujeito à pura razão”¹⁸ e controlado por um objetivo político. Esse objetivo determina os meios a alocar e os sacrifícios a fazer em magnitude e duração¹⁹. Por isso, importa gerir as campanhas de forma a que os recursos e os objetivos sejam cumpridos sem esforço excessivo ou insuficiente e a guerra conduzida ao sucesso final²⁰. Contudo, Thomas Waldman constata que as considerações de Clausewitz vão muito para além do acima exposto já que “a ideia de um processo racional apoia o conceito de guerra subordinado à política apenas até certo ponto.”²¹.

¹² Clausewitz utiliza a palavra *Zweikampf*, traduzido à letra como “luta entre dois”

¹³ Importa lembrar que o tango se dança a dois e que o inimigo tem sempre um voto
Clausewitz, *On War*, p.75

¹⁴ Alan Beyerchen, “Clausewitz, Nonlinearity, and the Unpredictability of War”, p.67

¹⁵ Optou-se por traduzir “act of policy” por “ato político”. Em alemão como em português não existe um análogo à distinção entre “politic” e “policy” na língua inglesa, pelo que se optou pela tradução direta do original “politischer Akt”
Clausewitz, *On War*, p.86-87; *Vom Kriege*, p. 78

¹⁶ Clausewitz, *On War*, p.87

¹⁷ No livro XVIII, Clausewitz não só repete a ideia apresentada no início da sua obra “War is simply a continuation of political intercourse, with the addition of other means.” como esclarece que “We deliberately use the phrase “with the addition of other means” because we also want to make it clear that war in itself does not suspend political intercourse or change it into something entirely different.” Clausewitz, *On War*, p.605

¹⁸ Clausewitz, *On War*, p. 69

¹⁹ Clausewitz, *On War*, p.92

²⁰ A estratégia abandona o carácter puramente militar e passa a estar ao serviço da política
Clausewitz, *On War*, p.177 e p.607

²¹ Thomas Waldman, “Politics and War: Clausewitz’s Paradoxical Equation”, p.3

Por considerar que a guerra surge de um desígnio político, Clausewitz esclarece que a política irá permear e influenciar continuamente as operações militares, sem com isso implicar a natureza despótica do objetivo político²² - subordinação não implica total controlo. Ainda que conduzida por fins políticos, a natureza da guerra é complexa e mutável, pelo que constitui um instrumento dinâmico que “é mais que um verdadeiro camaleão que adapta ligeiramente as suas características a uma dada situação”²³ mas que “pode mudar rápida e significativamente de natureza, de formas que a lógica política nem sempre consegue antecipar”²⁴.

Ao introduzir a ideia da guerra enquanto continuação da política, Clausewitz procura realçar algo que vai para além do seu carácter instrumental. Enquanto poderíamos ser levados a interpretá-la como uma “condição totalmente diferente, regida pela sua própria lei”²⁵, importa esclarecer esta não suspende a atividade política, mas constitui uma forma de comportamento político²⁶. Na sua essência as relações políticas continuam²⁷, independentemente dos meios empregues e, por isso, nos seus contornos gerais, a conduta da guerra é a própria política, que substitui a caneta pela espada²⁸. Ainda que utilize uma gramática própria - que utilize outros meios e tenha um carácter particular que a distingue das demais condutas políticas - a lógica que lhe subjaz é sempre política²⁹. Assim, se por um lado, a ligação incontornável à conduta política, dita que jamais poderá ser completamente autónoma; por outro, esta relação não é tirânica, pelo que cabe aos generais utilizar a sua capacidade de julgar livremente para determinar a forma mais adequada de alcançar um objetivo militar delineado pela política³⁰.

Alan Beyerchen nota ainda que, embora a abordagem convencional tenda a interpretar a ideia de “continuação” como uma compartimentação da política e da guerra numa sequência linear³¹, Clausewitz não procura transmitir a ideia de que a guerra deixa a política para trás. Emergindo a guerra de um determinado contexto político, ações políticas e militares coexistem e estabelecem uma interação mútua, contínua e não-

²² Clausewitz, *On War*, p.87

²³ Clausewitz, *On War*, p. 89-90

²⁴ Antulio J. Echevarria através de Thomas Waldman, “Politics and War: Clausewitz’s Paradoxical Equation”, p.5 A guerra enquanto processo dinâmico encontra-se fielmente retratada quando Clausewitz constata que “Its violence is not of the kind that explodes in a single discharge, but is the effect of forces that do not always develop in exactly the same manner or to the same degree.... War is a pulsation of violence, variable in strength and therefore variable in the speed with which it explodes and discharges its energy. War moves on its goal with varying speeds; but it always lasts long enough for influence to be exerted on the goal and for its own course to be changed in one way or another.”. Contudo, reconhece que o objetivo político permanecerá sempre determinante já que a guerra “must adapt itself to its chosen means, a process which can radically change it; yet the political aim remains the first consideration...”.

Clausewitz, *On War*, p.87 e p. 90

²⁵ Clausewitz, *On War*, p. 605

²⁶ Thomas Waldman, “Politics and War: Clausewitz’s Paradoxical Equation”, p.6

²⁷ “When force is employed, the logic of politics does not cease”

Thomas Waldman, “Politics and War: Clausewitz’s Paradoxical Equation”, p.11

²⁸ Clausewitz, *On War*, p.610

²⁹ Clausewitz, *On War*, p.605

³⁰ Thomas Waldman, “Politics and War: Clausewitz’s Paradoxical Equation”, p.7

³¹ Alan Beyerchen, “Clausewitz, Nonlinearity, and the Importance of Imagery”

linear³². Assim, desenvolvimentos militares terão também um impacto político pois existe “uma constante interação entre objetivos e o uso da força, entre fins e meios”³³.

Em resposta à pergunta anteriormente formulada³⁴, a guerra não é moldada exclusivamente por objetivos políticos racionais e ações isoladas dos diferentes intervenientes, mas constitui-se numa teia de interações que produz uma dinâmica complexa, não-linear e em permanente mutação que a torna imprevisível e, até certo ponto, irracional³⁵. Assim, importa perceber quais os principais fatores que determinam o caráter imprevisível da guerra real.

Imprevisibilidade na Guerra

No final do primeiro livro, Clausewitz aborda a guerra como uma “paradoxal trindade” e estabelece como objetivo desenvolver uma teoria que, de forma análoga a um objeto suspenso entre três ímanes, mantenha o balanço entre as três tendências: a violência original do seu elemento, o ódio e a animosidade; o jogo do acaso e das probabilidades e o seu elemento de subordinação como instrumento político racional³⁶, anteriormente abordado.

Da analogia utilizada por Clausewitz³⁷ importa destacar em primeiro lugar que, uma vez que estes três elementos estão simultaneamente a atrair o objeto em diferentes direções formando um sistema complexo de interações mútuas, a natureza da guerra não pode ser análoga a um estado estacionário, cujas propriedades são inalteráveis no tempo. Descreve antes uma trajetória complexa continuamente traçada entre os elementos da trindade. Em seguida, enquanto sistema físico não-determinista, remete para a guerra como resultante de uma permanente interação e competição que não só consome energia, como permite que pequenas alterações no estado presente do sistema, tenham grandes e desproporcionais repercussões

³² O conceito de não linearidade acarreta significados importantes para a compreensão de uma teoria da guerra: 1. Uma relação não-linear não é constituída pela mera adição das diferentes parcelas do sistema, mas tem frequentemente em conta elementos que dizem respeito à relação entre os diferentes elementos; 2. Um sistema não-linear é um sistema não pré-determinista cuja interação dos seus agentes é imprevisível e irrepetível; 3. Um sistema assim evolui de forma aperiódica no tempo e pequenas variações no estado presente podem conduzir a mudanças radicais e desproporcionadas no estado seguinte.

³³ Thomas Waldman, “Politics and War: Clausewitz’s Paradoxical Equation”, p. 10

Clausewitz reconhece que “the original political objects can greatly alter during the course of the war and may finally change entirely since they are influenced by events and their probable consequences.” (*On War*, p.92).

Face à questão levantada em Alan Beyerchen (*Nonlinearity, and the Unpredictability of War*, p.85) acerca da perspectiva de Bernard Brodie, entende-se que a ideia de dependência não-linear entre fins e meios, de feedback entre política e guerra é compatível e não compromete “a concepção base de que a guerra é um instrumento da política e não o inverso” (*On War*, p.647) – a influência dos meios sob os fins não implica necessariamente a troca de papéis.

³⁴ “em que medida podemos considerar que a guerra constitui uma atividade estritamente orientada segundo princípios políticos racionais?” p. 2

³⁵ Thomas Waldman, “Politics and War: Clausewitz’s Paradoxical Equation”, p.6

³⁶ Numa definição mais extensa: “primordial violence, hatred, and enmity, which are to be regarded as a blind natural force; of the play of chance and probability within which the creative spirit is free to roam; and of its element of subordination, as an instrument of policy, which makes it subject to reason alone.”; para a tradução o primeiro elemento da trindade no corpo do texto recorreu-se à referência original “...der ursprünglichen Gewaltsamkeit seines Elements, dem Haß und der Feindschaft...”;

Clausewitz, *On War*, p.89; *Vom Kriege*, p. 81

³⁷ A análise da analogia entre a teoria de Clausewitz e um objeto entre três ímanes destaca três pontos que sintetizam a interpretação presente em Alan Beyerchen, “Clausewitz, Nonlinearity, and the Unpredictability of War”, p.69-72

no estado seguinte. Por fim, no “mundo real” é impossível isolar o sistema do contexto em que se insere assim como medir com exatidão todos os fatores que nele intervêm. Por isso, mesmo um sistema simples como o dos três ímanes, é suficientemente complexo para que, ainda que seja possível antecipar padrões de comportamento, a trajetória descrita pelo objeto a cada nova iteração se torne impossível de prever.

Uma teoria de guerra não deve, por isso, oferecer fórmulas simplificadas, mas desmontar ao máximo o fenómeno e explorar os fatores que determinam a sua natureza complexa. Assim, Beyerchen explora três fontes de imprevisibilidade que permitem compreender melhor a natureza não-linear da guerra na teoria de Clausewitz³⁸.

“Interação”, “Fricção” e “Acaso”

Em primeiro lugar, identifica a natureza não-linear das *interações* (em parte relacionada com incapacidade de calcular forças psicológicas) como a principal causa da imprevisibilidade analítica da guerra. Estas interações dão-se a dois níveis. Por um lado, a guerra faz parte da existência social do homem e caracteriza-se pela interação com um objeto que não é inanimado, passivo ou complacente, mas animado e que reage³⁹. Por outro lado, existem interações a nível interno de cada um dos lados entre fatores de diferentes naturezas (como perdas materiais e efeitos psicológicos) que se amplificam mutuamente e podem, por exemplo, escalar as consequências de uma derrota. Estas duas contribuições levam a que se estabeleça uma dinâmica intrincada de interações não-lineares, no interior e entre cada um dos lados, que determina a impossibilidade de antecipar teoricamente a evolução da guerra.

Um outro aspeto incontornável que contribui para a imprevisibilidade da guerra prende-se com o que Clausewitz designa por *fricção*⁴⁰.

Numa primeira acessão, a ideia de fricção constitui-se como uma oposição ao movimento. Parte da constatação de que, na guerra, mesmo as tarefas mais simples se tornam extremamente difíceis e frequentemente causam atrasos e falhas inesperadas nos planos⁴¹. A interação entre as partes do sistema leva à dissipação de energia e a efeitos que dificilmente podem ser medidos porque em grande parte se devem ao acaso, que contribui para aumentar a disposição aleatória dos diferentes constituintes do sistema⁴².

³⁸ Alan Beyerchen, “Clausewitz, Nonlinearity, and the Unpredictability of War”, p.72

³⁹ Clausewitz, *On War*, p.149

⁴⁰ Elemento que considera inconcebível, a menos que se experiencie a guerra
Clausewitz, *On War*, p.119

⁴¹ Ainda que possa parecer fácil de manusear, a máquina militar é composta por múltiplos indivíduos e está integrada numa rede de circunstâncias externas e internas determinantes. Entende-se como parte do sistema todos os elementos que determinam as condições em que se desenrola a guerra. Por exemplo, as condições climatéricas, o solo, a geografia do terreno, eventuais erros do inimigo, dinâmicas internas de ambos os lados, coesão do grupo, disciplina, moral, fatores psicológicos, entre outros.

⁴² “This tremendous friction, which cannot, as in mechanics, be reduced to a few points, is everywhere in contact with chance, and brings about effects that cannot be measured, just because they are largely due to chance.”
Clausewitz, *On War*, p.120

Numa segunda abordagem, o conceito de fricção remete para a ideia de que não só nunca é possível deter toda a informação, como a transmissão de qualquer sinal é inevitavelmente afetada por ruído. Assim, o “nevoeiro” na guerra não resulta exclusivamente da falta de informação, mas de um caráter potencialmente enganador da informação existente: o excesso ou a distorção da informação aumenta a incerteza em determinadas situações. Por fim, a ideia de fricção alerta ainda para a possibilidade de que aspetos pequenos e imperceptíveis da realidade sejam fortemente amplificados e produzam efeitos significativos e inesperados.

Se, por definição, nunca podemos ter todos os dados nem a total clareza dos mesmos, Clausewitz compreende o papel do acaso neste “nevoeiro” de incerteza na guerra. Uma vez que é impossível recuperar com precisão as condições iniciais e registar os sucessivos desenvolvimentos da guerra, existem grandes efeitos que surgem de causas quase invisíveis, que não conseguimos identificar e cuja origem atribuímos ao acaso.

O acaso resulta, contudo, não só desta dimensão inevitável e insondável das relações causa-efeito, mas pode também ser consequência de uma tendência para compartimentarmos a realidade, em vez de a percebermos como um todo interconectado⁴³. Esta tentativa de simplificação leva a que julguemos ser fruto do acaso interações inesperadas entre partes da realidade que consideramos desconexas.

Clausewitz compreende que, ao colocarmos restrições na compreensão dos diferentes aspetos que intervêm na guerra por conveniência analítica, corremos o risco de procurar uma teoria abstrata que não só falha em capturar a natureza deste “verdadeiro camaleão”, como pode levar a grandes fracassos se seguida à risca. Explorar as diferentes abordagens que apresenta e os fatores que determinam a natureza complexa e imprevisível da guerra não oferece uma estratégia acabada ou uma vitória certa, mas ilumina a sua compreensão, sem incorrer em simplificações abusivas. Assim, *Vom Kriege* não deve ser lido como um guia doutrinal, mas como um manual que procura informar o juízo e melhorar as capacidades analíticas daqueles que o leem.

Considerações finais

Como militar profissional, Clausewitz reconhece que, embora a experiência seja insubstituível, na impossibilidade de a obter, importa explorar as fontes de imprevisibilidade que amplificam as dificuldades na guerra⁴⁴. Compreender a natureza complexa e não-linear deste fenómeno permite a um general tirar partido dos efeitos desproporcionados que podem advir de pequenas causas e perceber que a guerra não se assemelha a um jogo de xadrez⁴⁵: o adversário não joga necessariamente pelas mesmas regras e pode

⁴³ Descrita por Poincaré através de Thomas Waldman, “Politics and War: Clausewitz’s Paradoxical Equation”, p. 80-81

⁴⁴ Os efeitos da fricção podem, por exemplo, ser antecipados ou minimizados através do treino, da disciplina, do conhecimento técnico, de tentativas de simular a complexidade de movimentar um exercito e de procedimentos que permitam reduzir o ruído da informação.

⁴⁵ Alan Beyerchen, “Clausewitz, Nonlinearity, and the Unpredictability of War”, p. 75

inclusive alterá-las no curso da guerra. Por isso, Clausewitz não pretende encontrar uma fórmula para alcançar a vitória e mostra-se cético em relação ao sucesso de um plano rígido e imutável⁴⁶. Não nega a importância do planejamento, mas admite que este deve ser adaptado, de forma a tirar o maior partido possível das circunstâncias e das dinâmicas intrincadas que se estabelecem.

Numa era em que a guerra se aproximava da sua forma absoluta, Clausewitz compreende que esta emerge de um determinado contexto político e constitui-se enquanto instrumento e continuação da política: utiliza uma gramática própria e desenvolve-se numa teia de interações mútuas, numa dinâmica imprevisível que a coloca numa posição paradoxal. Por um lado, a subordinação à política dita a prossecução de um objetivo político racional. Por outro, enquanto continuação das interações políticas pelo uso da força, acarreta uma imprevisibilidade que lhe é inerente – ainda que a política determine o objetivo último da guerra, a sua gramática própria e a forma como esta é conduzida pode alterar o seu carácter de formas que a política nem sempre consegue antecipar. Isto determina que, no limite, aqueles que a conduzem tenham inevitavelmente de arriscar, já que nunca é possível aceder constantemente de forma clara a toda a informação acerca do sistema.

Neste sentido, Clausewitz associa antes a guerra a um jogo de cartas⁴⁷, um jogo não totalmente racional e que não se resume a um cálculo preciso de probabilidades, mas em que a experiência, a capacidade de “ler” os diferentes intervenientes e compreender a dinâmica do jogo representam fatores determinantes para desenvolver uma intuição certa sobre como e qual a melhor altura para arriscar.

Se procurarmos extrair uma regra de ouro da obra de Clausewitz, talvez nos devamos focar naquele que considera ser “o primeiro, o supremo, o mais abrangente ato de julgamento” necessário àqueles que lidam diretamente com a guerra. Trata-se de compreender em que tipo de guerra se encontram, sem a transformarem ou confundirem com algo alheio à sua natureza⁴⁸. A guerra pode facilmente escapar ao controlo daqueles que a conduzem e, por isso, é essencial perceber a sua natureza, ler cuidadosa e continuamente o panorama político e assegurar que a sua dimensão violenta é equilibrada com esforço no sentido de assegurar que a força é empregue de forma a produzir os efeitos desejados e a minimizar consequências adversas e inesperadas⁴⁹.

⁴⁶ Como Moltke viria a realçar anos mais tarde, “No plan of operations extends with certainty beyond the first encounter with the enemy's main strength”

Excerto de: Hughes, Daniel. “Moltke on the Art of War: Selected Writings”. iBooks.

⁴⁷ “In the whole range of human activities, war most closely resembles a game of cards.”

Clausewitz, *On War*, p.86

⁴⁸ Clausewitz, *On War*, p.88

⁴⁹ Recordemos os elementos da trindade.

Thomas Waldman, “Politics and War: Clausewitz’s Paradoxical Equation”, p. 12

Bibliografia

CLAUSEWITZ, Carl von. *On War*. Edited and Translated by Michael Howard and Peter Paret. Princeton: Princeton University Press, 1989

CLAUSEWITZ, Carl von. *Vom Kriege*. Leipzig: Insel, 1937

ARON, Raymond. *Clausewitz*. Lisboa: Esfera do Caos, 2009

WALDMAN, Thomas. "Politics and War: Clausewitz's Paradoxical Equation." *Parameters* 40, no. 3, (2010): 48-60.

BEYERCHEN, Alan D. "Clausewitz, Nonlinearity and the Unpredictability of War." *International Security* 17 (Winter 1992/93): 59-90.

BEYERCHEN, Alan D. "Clausewitz, Nonlinearity, and the Importance of Imagery." Consultado a 27 Março 2018. <http://www.dodccrp.org/html4/bibliography/comch07.html>.